

5

Jesus Cristo: esperança humana

5.1.

O significado teológico da ressurreição de Jesus

A encarnação foi o início do evento salvífico do mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus. O sofrimento e a morte do Filho de Deus sublinham o realismo da encarnação. Jesus recapitula em si a realidade humana. Na sua paixão e morte se completa o escândalo da cruz: “Nós, porém, proclamamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos” (1Cor 1,23).

O escândalo da cruz é um paradoxo. Aquele que tinha proclamado o Reino de Deus pareceu ser abandonado pelo Deus que anunciava. A cruz é a inalienável autocrítica interna do cristianismo. É o seu sinal de contradição. Por isso, é o critério último de cada cristologia. A ressurreição representa o triunfo último da encarnação, a ressurreição do crucificado.

O *kerygma* apostólico anuncia que Cristo morreu pelos nossos pecados (Cf. 1Cor 15,1-5). A verdadeira motivação da morte de Jesus é a mesma de sua encarnação: a caridade de Deus que se manifesta na história com a misericórdia e o perdão.

A morte de Jesus está no plano misterioso de Deus já anunciado no Antigo Testamento, através do sacrifício expiatório, o sofrimento do inocente, a perspectiva do “dia de Javé” e, sobretudo, através da figura do “servo de Javé”.

Jesus tinha consciência de dar-se totalmente. Tal consciência o fez caminhar para Jerusalém com extrema liberdade, uma viagem que se concluiria com sua paixão e morte. Esta liberdade deriva do desejo de fazer a vontade do Pai. A obediência de Jesus ao Pai é expressão de amor. O relacionamento entre Deus e os homens não é mais definido pela desobediência de Adão, mas pela obediência até a morte de Jesus, que assim destruiu o pecado dos homens tornando-os justos diante de Deus (Cf. Rm 3,21-26; 5,1-11.12-19).

O verdadeiro motivo do sacrifício da cruz é o amor do Pai e do Filho pela salvação da humanidade. João coloca em evidência a morte de Jesus como expressão do amor recíproco, que revela que Deus é amor (Cf. Jo 12,27-33; 17, 19.26; 1 Jo 4,8; 4,9-10).

Nunca se poderá precisar o impacto da execução de Jesus, o que mergulhou os seus seguidores numa crise radical, desolados pelos acontecimentos. No entanto, pouco tempo depois, todos confessam que o crucificado está vivo. Deus o ressuscitou. Fórmulas breves circulam entre os cristãos condensando o essencial de sua fé. Eram usadas para transmitir a fé aos novos crentes, para proclamar alegria nas celebrações ou reafirmar a adesão a Cristo em momentos de perseguição. Em outras fórmulas, se confessa que Jesus morreu e que ressuscitou deslocando-se a atenção para Jesus, mas sempre subjaz a atuação amorosa de Deus. Um exemplo típico dessas confissões de fé é a Carta de São Paulo aos Tessalonicenses: “se cremos que Jesus morreu e que ressuscitou, da mesma maneira Deus levará consigo os que morreram com Jesus” (1Ts 4,14) ²²³.

A ressurreição de Jesus é uma convicção dos discípulos afirmando novamente sua fé em Jesus. É um acontecimento que os arrancou de sua perplexidade e frustração.

Paulo afirma de maneira incisiva em Romanos 6,9-10:

Sabemos que Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, não volta a morrer, a morte já não tem domínio sobre Ele. Porque, quando morreu, morreu para o pecado uma vez para sempre; seu viver, em compensação, é um viver para Deus.

Os seguidores de Jesus também não entenderam sua ressurreição como uma espécie de sobrevivência misteriosa de sua alma imortal, ao estilo da cultura grega. Pensam num corpo glorioso que corresponde à plenitude de sua vida concreta desenvolvida neste mundo. Deus ressuscita Jesus, ressuscita sua vida terrena marcada por sua entrega ao Reino de Deus, seus gestos de bondade e sua obediência até a morte.

A ressurreição de Jesus é uma atuação de Deus que com sua força criadora o resgata da morte para introduzi-lo na plenitude de sua própria vida, infundindo-lhe toda sua força criadora. Por isso, pode-se dizer que a ressurreição não é propriamente um fato histórico, que possa ser verificado empiricamente, mas um fato real para os que crêem em Jesus ressuscitado. E mais, é um fato importante e decisivo que ocorreu na história humana porque constitui seu verdadeiro sentido e sua verdadeira esperança.

²²³ Cf. PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*, p.491.

Os relatos permitem de maneira segura estabelecer o que aconteceu depois da morte de Jesus. Todas as fontes afirmam que os discípulos viveram um processo para o qual concorreram diversos fatores. Refletiram sobre o ocorrido, recorreram à sua fé em Deus e em seu poder sobre a morte e recordaram o que tinham vivido com Jesus. Eles atribuíram isso a Deus.

Os seguidores de Jesus falavam de sua ressurreição como fonte de salvação para toda a humanidade, “primícia” de uma ressurreição universal. Em Jesus haviam experimentado Deus irrompendo no mundo de maneira nova e definitiva, haviam experimentado a irrupção da força e do amor salvador de Deus.

São Paulo fala da sua experiência em Coríntios, Gálatas e Filipenses. Nessa experiência descobriu o poder da ressurreição de Jesus e toma consciência do mistério que se encerra em Jesus. O impacto do encontro com o ressuscitado leva-o a compreender de maneira nova o mistério de Deus e a realidade da vida: “Já não vivo eu. É Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

Os relatos acerca da experiência transformadora de Jesus sugerem que Jesus vive e está novamente entre eles, experimentam novamente Jesus entre eles. Esse encontro com Jesus ressuscitado é um Dom. Os relatos insistem que é Jesus quem toma a iniciativa, obrigando-os a sair de sua incredulidade. O encontro com Jesus é uma experiência de perda, paz e benção de Deus. Os discípulos sentem-se perdoados e novamente aceitos em comunhão com Ele²²⁴.

O relato de Emaús descreve a transformação que se produz na vida dos discípulos ao acolherem Jesus ressuscitado (Cf. Lc 24,13-35). A experiência que tiveram será o ponto de partida da proclamação de Jesus Cristo a todos os povos. Reconhecem o ressuscitado, retornam a Jerusalém, contam o que lhes aconteceu pelo caminho e como o reconheceram ao partir o pão (Cf. Lc 24,35).

A execução de Jesus pôs em questão a sua mensagem e atuação. Para os seguidores de Jesus, a ressurreição não é somente uma vitória sobre a morte, é a reação de Deus que confirmou a vida de Jesus, seu projeto do Reino de Deus e toda sua atuação. Esse é o caminho que leva à vida. A ressurreição é a admirável resposta de Deus ao abuso cometido com Jesus e obrigou aos primeiros cristãos a entender a morte de Jesus com uma luz nova. Ao morrer, Jesus entrou na glória de Deus.

²²⁴ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus: A história de um Vivente*, pp.351-359.

Os primeiros cristãos usaram diversos modelos para explicar a crucificação. Apresentam-na como sacrifício de expiação, uma aliança nova entre Deus e os homens, ou como a do servo sofredor que carrega as culpas e pecados de outros para converter-se em salvação para os outros. Em nenhum momento estes modelos intentam anular ou desfigurar o amor gratuito de Deus anunciado por Jesus²²⁵.

O sofrimento transforma-se, portanto, em experiência humana sólida e real para viver e expressar o amor. Em Jesus crucificado, os primeiros cristãos viram a expressão do amor incondicional de Deus para com a humanidade, o sinal de seu perdão, compaixão e ternura redentora.

Segundo W. Kasper, na ressurreição teve início os eventos salvíficos últimos e definitivos. No Cristo ressuscitado o *eschaton* está presente em toda sua ação de nova qualidade de vida divina. A ressurreição marca o início da recriação definitiva operada por Deus. É a exaltação do Filho como confirmação decisiva de sua pessoa e obra, pois Cristo ressuscitado decide o destino último da humanidade. A ressurreição é um evento de salvação. Não diz respeito apenas a Cristo, mas é o início e a antecipação da ressurreição dos justos. Jesus ressuscitado inaugura um mundo novo e um novo gênero humano²²⁶.

J. I. González Faus, depois de ter falado da “irrupção escatológica” no evento pascal, aprofunda a ressurreição como utopia já realizada em Cristo. Partindo do conceito paulino de primícia, afirma que a ressurreição de Jesus não somente representa todas as outras ressurreições, mas as precede e as torna possível. O Cristo ressuscitado é semente da nova humanidade liberta da escravidão do pecado, da lei e da morte. A realidade desta plenitude já irrompeu na história polarizando a marcha para o estado do homem perfeito²²⁷.

Para Rahner, a ressurreição de Jesus é o cumprimento da “esperança transcendental do homem”. Fiel aos seus pressupostos transcendentais, Rahner procura na natureza do homem a possibilidade para compreensão e aceitação da ressurreição de Cristo. Para o autor, cada homem necessariamente espera a própria ressurreição:

²²⁵ Cf. PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*, p.519.

²²⁶ Cf. KASPER, W. *Jesus, El Cristo*, pp.189-196.

²²⁷ Cf. FAUS, J.I.G. *La Humanidad Nueva. Ensayo de Cristologia* (2 vol.). Madrid: EAPSA, 1974.p.166-176.

Quando, pois o homem afirma sua existência como permanentemente válida e a ser redimida, dessa forma não caindo no equívoco de um dualismo antropológico platonizante, está afirmando na esperança sua ressurreição. (...) Essa esperança transcendental na ressurreição constitui o horizonte dentro do qual se pode compreender a experiência de fé na ressurreição de Jesus²²⁸.

Se Jesus revela o amor salvífico de Deus com a sua morte e ressurreição, então a salvação para os homens significa em crer e aderir ao seu testemunho.

5.2.

A plenitude da obra de Deus e a plenitude do homem

A plenitude da obra de Deus e dos homens se cruzam. A obra de Deus que tem início na criação, em Cristo atinge seu ponto culminante, seu sentido, e seu cumprimento.

Em Jesus está a plenitude dos homens, porque nele o mundo e a história recebem o seu sentido e orientação definitiva. Jesus, portanto, é o evento escatológico à luz do qual devem ser reconsiderados todos os conteúdos da esperança cristã²²⁹.

Somente Deus revelado em Cristo é o conteúdo da escatologia cristã. A manifestação de Deus em sua plenitude vai além da capacidade de descrever a esperança cristã: “Mas, como está escrito, o que Deus preparou para os que o amam é algo que os olhos jamais viram, nem os ouvidos ouviram, nem coração algum jamais pressentiu” (1Cor 2,9).

A escatologia cristã se tem Cristo como centro, é uma mensagem de salvação, pois anuncia a realização plena da salvação acontecida em Jesus. Por conseguinte, é uma dimensão do Evangelho, e trata-se de uma plenitude real, pois a salvação de Cristo já é conhecida por nós, vivida e experimentada na fé, nas diversas manifestações da vida da Igreja, especialmente nas celebrações da Eucaristia.

O domínio de Cristo é real e eficaz a partir de sua ressurreição, mas ainda não se manifestou completamente. Somente a partir da salvação em Cristo tem sentido a dimensão de futuro. A mensagem escatológica é o próprio mistério de Cristo. O futuro é a manifestação gloriosa de Jesus Cristo e o fim de sua obra salvífica.

²²⁸ RAHNER, K. *Curso Fundamental da Fé*, p.318.

²²⁹ Cf. LADARIA, L. *Introdução à Antropologia Teológica*, p.134.

Nos Sinóticos, encontramos palavras de Jesus sobre o Reino de Deus tornado realidade com sua vinda. Tanto o presente como o futuro estão unidos na pessoa de Jesus. No Evangelho de João dá-se maior ênfase ao presente da salvação em Cristo. Os dois aspectos, presente e futuro, fazem parte da salvação.

A morte de Jesus na cruz mostra uma ruptura entre a sua vida terrena e a sua vida gloriosa. Jesus ressuscitado aparece com as marcas da paixão. Ruptura e continuidade, portanto, foram afirmadas ao mesmo tempo.

Segundo Schillebeeckx, a parusia do Senhor foi objeto da esperança dos primeiros cristãos, que a acreditavam eminente. Jesus falava da parusia de Deus, às vezes em termos de vinda do Filho do Homem. Jesus anunciou a salvação e integrou sua morte no sentido de toda a sua vida. A parusia de Deus, anunciada por Jesus realizou-se de fato na sua ressurreição que se tornou a base para a parusia de Jesus. Os cristãos interpretaram inicialmente a ressurreição de Jesus como o começo de sua parusia, que logo viria. Aquela geração viveu esse grande acontecimento e pensavam que estavam vivendo “no fim dos dias”. A parusia de Jesus é consequência da ressurreição, integra o mistério único da vinda de Cristo ao mundo para a salvação dos homens²³⁰.

Mas, na realidade, Cristo ressuscitou dos mortos como primícias dos que morreram. Com efeito, por um homem veio a morte e é também por um homem que vem a ressurreição dos mortos. Como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos serão vivificados. Cada qual, porém na sua própria categoria: como primícias Cristo; depois os que pertencem a Cristo, por ocasião de sua vinda.(...) Mas quando tudo lhe estiver submetido, então o próprio Filho se submeterá Àquele que lhe submeteu todas as coisas, para que Deus seja tudo em todos (1 Cor 15,20-28).

Uma vez concluída a obra da salvação, Jesus entrega o Reino ao Pai. O Pai é a origem e o fim da história da salvação. A plena realização pessoal só pode ser alcançada no final da obra salvífica. A plenitude da obra de Cristo é a plenitude do homem.

Jesus, como centro da história humana, significa o desvelamento da ambigüidade própria do homem e critério de julgamento. No encontro com Ele, o homem confronta sua realidade e o juízo acontece na atitude de acolhimento ou rejeição de Deus. Junto a esse aspecto de juízo a dimensão salvífica é evidente no Novo Testamento:

²³⁰ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus: A história de um Vivente*, p.545.

É Ele que Deus destinou a ser, por seu próprio sangue, instrumento de expiação mediante a fé. Assim, Deus demonstrou sua justiça, deixando sem castigo os pecados cometidos outrora, no tempo de sua tolerância. Assim também, Ele demonstra sua justiça, no tempo presente, a fim de ser justo, e tornar justo todo aquele que se firma na fé em Jesus (Rm 3,25-26; Jo 12,21).

A parusia é o convite de viver da esperança, na salvação de Deus, aguardando a vinda de Cristo. Este aguardar reveste-se de uma dinâmica que implica atitudes e comportamentos, no interior da comunidade e da história, à luz do juízo que acompanha o evento da parusia. Enquanto manifestação do domínio e do Reino de Cristo ressuscitado significa também a ressurreição dos homens²³¹. Se na parusia o domínio de Cristo ressuscitado alcança sua plenitude, isso significa a ressurreição dos homens. Na conformação a Jesus acontece a salvação pela participação na ressurreição de Jesus pelos homens repletos do Espírito Santo. Jesus ressuscitado, tornado Espírito comunica aos homens a vida: “É como está escrito: o primeiro homem, Adão um ser natural dotado de vida; o último Adão é um ser espiritual e que dá vida” (1Cor 15, 45).

Todas as dimensões do ser humano estão incluídas na sua salvação uma vez que a ressurreição de Jesus concerne à sua humanidade. Santo Irineu diante da gnose insistirá na salvação da carne (*salus carnis*), em coerência com a visão antropológica que lhe é própria:

É o Verbo feito carne, que é Jesus Cristo nosso Senhor, é ele, que sofreu por nós e ressuscitou por nós, que voltará na glória do Pai para ressuscitar toda carne, fazer surgir a salvação e aplicar a regra do justo julgamento a todos aqueles que se submeterem a seu poder (...) e que tudo recapitulou em si²³².

A relação entre a ressurreição gloriosa de Jesus e a nossa é claramente afirmada por Irineu: “O Verbo de Deus, Jesus Cristo nosso Senhor, ele que, por causa de seu excessivo amor, fez-se exatamente o que somos a fim de fazer de nós exatamente o que ele é”²³³.

No Novo Testamento e na tradição da Igreja, se por um lado a ressurreição se refere à saída dos mortos do túmulo para receberem a recompensa de salvação ou de condenação, por outro a ressurreição significa a plena participação na vida

²³¹ Cf. LADARIA, L. *Introdução à Antropologia Teológica*, p.139.

²³² IRINEU, CH, III, 16,6. Apud SESBOÜÉ, B. *O Homem e sua Salvação*, p.354.

²³³ IRINEU, CH, V, pref. Apud SESBOÜÉ, B. *O Homem e sua Salvação*, p.353.

de Jesus. A escatologia cristã, portanto, não é apenas futuro. Sua dimensão de presente permite compreender como a noção de ressurreição deve estar relacionada em torno da comunicação da vida de Jesus, em sentido pleno e teológico do termo²³⁴.

Entre as expressões que se referem à sorte do homem no Novo Testamento estão: a participação na vida que é Cristo, o estar com Jesus, a visão de Deus, o paraíso, a glória, o banquete nupcial. Tais expressões convidam a não subestimar a mediação de Jesus com relação à vida eterna. A participação plena na vida que Ele recebeu do Pai são elementos essenciais à vida que se espera ter na eternidade²³⁵.

Para Santo Irineu, a incorruptibilidade de que goza o homem é fruto da visão de Deus levada a termo pelo Espírito, e pelo Filho, e que permite ver o Pai no que lhe é próprio, a paternidade: “A glória de Deus é o homem vivo, e a vida do homem é a visão de Deus”²³⁶.

Em Santo Agostinho, a visão de Deus é relacionada com o louvor, o amor, a alegria e o perfeito repouso:

Com a Vossa graça algumas obras realizamos; mas estas não são eternas. Depois de as termos praticado, esperamos repousar na vossa grande santificação. Vós sois o Bem que nenhum bem precisa. Estais sempre em repouso, porque sois Vós mesmo o vosso descanso²³⁷.

Para Santo Tomás:

Na vida eterna a primeira coisa é que o homem se une a Deus. Portanto o próprio Deus é o prêmio e o fim de todos os nossos esforços (...). Essa união consiste na perfeita visão: agora vemos como num espelho, em enigma; então veremos face a face (1Cor 13,12). Consiste também no sumo louvor (...). E igualmente na perfeita satisfação do desejo (...). Na feliz comunhão de todos bem aventurados; e essa comunhão será muito agradável, porque cada um compartilhará todos os bens como todos bem aventurados. Portanto, cada um amará ao outro como a si mesmo, e por isso gozará do bem do outro como do seu²³⁸.

Essa visão de Deus deve ser vista como um aspecto, e uma expressão da comunhão com Deus, e da participação em sua vida que abrange o homem todo.

²³⁴ Cf. LADARIA, L. *Introdução à Antropologia Teológica*, p.140.

²³⁵ Cf. *Ibid.*, p.143.

²³⁶ IRINEU, CH, IV, 20,7. In: SESBOÜÉ, B. *op.cit.*, p.356.

²³⁷ SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p.367.

²³⁸ LADARIA, L. *op.cit.*, p.143.

O domínio do Senhor não conhece fronteiras. Tanto o Antigo Testamento, como o Novo, falam de novos céus e nova terra (Cf. Is 65,17-21; 2 Pd 3,13; Rm 8,19-23). Não se trata somente de uma transformação do cosmos como tal, mas da relação do cosmos com a plenitude do homem, que nesta inclui uma nova relação com o mundo. O mundo material não é apenas criação de Deus, são também trabalho e ação humana. Entretanto, o progresso humano não pode ser confundido com o Reino de Deus e seu crescimento.

A esperança no mundo futuro deve antes reavivar a responsabilidade cristã pelo presente. Os valores da dignidade humana e da comunhão fraterna, a natureza e o esforço humano, difundidos segundo o Espírito do Senhor, propiciam uma radical transformação²³⁹.

A comunhão de amor com Deus não pode ser concebida sem o acolhimento livre de tal comunhão. Acolhimento e recusa são possibilidades relacionadas com a liberdade humana. A separação de Deus, a radical solidão, a incapacidade de amar, a ruptura da comunhão com os homens e com o universo são formas de existência na contradição. Permanece o mistério da liberdade humana, embora Deus queira a salvação de todos e não existe predestinação para o mal.

Jesus veio ao mundo, e trouxe a força da graça maior que o pecado. Deus com a encarnação do Filho e no envio do Espírito Santo se comprometeu com o homem, com o mundo e com a salvação de ambos. O predomínio da salvação é consequência da vitória de Cristo. A escatologia cristã é, portanto, uma escatologia da esperança. A esperança se funda na bondade de Deus, em sua graça e misericórdia e em sua vontade salvífica. Nenhum aspecto da escatologia cristã deve ser visto independente da relação com Cristo ressuscitado, o único em que se fundamenta toda a esperança humana²⁴⁰.

5.3. Cristo, o sentido da existência

Vivemos na pós modernidade. A modernidade se caracterizava pela racionalidade, a pós modernidade privilegia o sentimental, o individualismo, o efêmero. A secularização não é a categoria para descrever o cenário religioso

²³⁹ Cf. LADARIA, L. *Introdução à Antropologia Teológica*, p.142.

²⁴⁰ Cf. *Ibid.*, p.149.

atual. O forte retorno ao sagrado indica um religioso implícito que não possui um centro focal bem definido.

A esperança escatológica cristã na atual experiência do mundo coloca o problema do sentido diante das situações decisivas da vida. Em cada ser humano há uma busca de sentido, um projeto de sentido da vida. O conceito de sentido expressa o projeto de totalidade da vida, no qual está situada. Este sentido se traduz na ânsia por felicidade, vida, amor, esperança, sucesso, entre outros. A pessoa que não encontra este sentido torna-se vazia. O sentido experimentado e realizado seria a salvação do ser humano. Na experiência de cada procura de sentido percebe-se uma dimensão da experiência que não se pode encontrar no plano das ciências particulares. Trata-se da experiência de superar-se a si mesmo para um infinito, além do que é objetivamente alcançado, e experimentar uma ilimitada abertura. O sentido é recebido como dom, como graça à história²⁴¹.

Israel encontrou o sentido da vida e da história no seu relacionamento com *Iahweh*. A fé de um povo, olhando para o passado e o presente com um olhar de fé descobre a fidelidade de *Iahweh*, que é a mesma no passado, no presente e no futuro. Israel, olhando a sua história pode ver que a promessa de *Iahweh* não se esgota nos acontecimentos históricos e humanos. Não havia formulação humana que pudesse expressá-la. O Antigo Testamento mostra que a ação salvífica de Deus traz a relação de algo no presente e uma abertura para o futuro. A história desta revelação feita como promessa aos patriarcas, visualizada na terra e na descendência, e confirmada pelos profetas estende-se até Cristo, onde terá sua manifestação definitiva.

Em Jesus Cristo realiza-se a promessa de Deus (Cf. Gl 4,4). Todos os Evangelhos mostram que em Jesus Deus está presente no meio do seu povo. Jesus é a presença Salvadora e Libertadora de Deus, é o próprio Filho de Deus no meio do povo de Israel.

O tema central da pregação de Jesus é o Reino de Deus. Na concepção de Jesus sobre o Reino encontramos dois aspectos que convergem: a dimensão de presença e a dimensão de futuro escatológico. Em Jesus, o Reino já está presente. Nos eventos que constituíram a sua vida e missão, o Reino começa a aparecer, é presente e operante: “Mas, se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os

²⁴¹ Cf. COSTA, P.C. *Cristo, o Eschaton do Pai na História*. *Communio*, Revista Internacional de Teologia e Cultura, 2004; Vol.22, nº1. p.178.

demônios, então o Reino de Deus já chegou até vós” (Cf. Mt 12,28). Contudo, o Reino traz consigo uma dimensão escatológica. Na oração do Pai Nosso (Cf. Mt 6,10; Lc 11,2) e nas Bem Aventuras Jesus coloca a história numa dimensão de tensão para uma plenitude, um futuro definitivo, o definitivo de Deus que chamamos de *Eschaton*²⁴².

Segundo Kasper, os milagres operados por Jesus são sinais da salvação do Reino de Deus, iniciada no momento presente e exprime a dimensão do senhorio divino. É prefiguração da nova criação, e sinais de esperança de uma libertação futura e total do homem e do mundo²⁴³.

Todo o processo da vida de Jesus bem como a sua morte não pode ser vista somente como fruto de um processo histórico, Jesus se entrega à morte fazendo a vontade do Pai (Cf. Jo 17,1). A morte de Jesus manifesta a ambigüidade da história, pois a cruz manifesta o amor salvífico de Deus e o sentido da existência humana. A cruz de Jesus manifesta o amor de Deus, que entrega seu Filho à morte pela salvação do mundo e revela o sentido da vida do homem, na entrega amorosa de Jesus. A cruz que parece o fim de tudo mostra o sentido da vida, realiza a salvação de toda a humanidade²⁴⁴.

No Cristo ressuscitado, o *Eschaton* já é presente em toda a sua ação de qualidade de vida divina. A ressurreição marca o início da recriação definitiva operada por Deus, o Deus que dá a vida²⁴⁵.

A encarnação do Filho de Deus assumindo nossa condição mortal implicava um destino de morte, mas tinha como meta a glorificação de Cristo através da morte. Nele, por Ele e com Ele, a humanidade é chamada a participar de sua vida gloriosa, além da temporalidade do mundo (Cf. Rm 8,19-23; 1 Cor 15,20-23).

A experiência do Senhor ressuscitado mudou a situação existencial dos discípulos de Emaús, que a partir da experiência pessoal com Jesus ressuscitado mudaram de atitude (Cf. Lc 24,13-35.22-24.33-35).

O evento Jesus abriu a história para os últimos tempos, afirmando a possibilidade de um horizonte infinito. O homem faz assim, na sua subjetividade a experiência de um ser transcendente. A tensão entre o “já” e o “ainda não” marca

²⁴² Cf. COSTA, P.C. *Cristo, o Eschaton do Pai na História*, p.183.

²⁴³ Cf. KASPER, W. *Jesus, El Cristo*, p.126.

²⁴⁴ Cf. COSTA, P.C. op.cit., p.184.

²⁴⁵ Cf. KASPER, W. op.cit., pp.196-220.

a vida do ser humano e as interrogações que emergem do fundo do seu ser sobre o sentido de sua existência e da história. Na tensão histórica o homem pode colher o dinamismo do seu ser e sua abertura para o infinito de Deus²⁴⁶.

5.4.

A salvação de Jesus Cristo

A tradição bíblica cristã introduziu a salvação para além da morte com a fé na ressurreição. As pequenas salvações da existência humana apontam para uma salvação maior.

A modernidade ao tentar anular a angustia existencial inerente ao processo de salvação diluiu o horizonte de salvação. A pós modernidade defende o projeto de outro mundo possível. Questiona o sujeito da modernidade que visava aumentar seus lucros propondo uma maior distribuição das riquezas, seleciona tecnologias de menor custo ecológico e de maior benefício para a vida humana. Submete a produção à critérios éticos e humanitários, lança campanhas para viver com simplicidade e sobriedade. Seleciona empreendimentos que respeitam a ecologia. Acorda para a gravidade de manter o equilíbrio dos bens da natureza para todos os povos e para o futuro. Resguarda os direitos dos povos em desenvolvimento evitando a exploração comercial.

A fé cristã vem somar-se a essas propostas da pós modernidade²⁴⁷. Não é inútil insistir sobre a verdadeira conversão de espírito necessária para compreender as importantes mutações em ação na pós modernidade. O sensível não é apenas um momento a superar, mas é um elemento central a ser considerado na pós modernidade. Na relação com o mundo e com o outro, vivida e baseada na experiência seja interior ou ecológica propicia uma efervescência inegável e uma criatividade específica²⁴⁸.

A mensagem de vida proclamada por Jesus Cristo continua presente entre os cristãos, atualmente. O advento das ciências exatas e das técnicas modernas, aliados ao fator econômico relegou para segundo plano o ser humano. Múltiplas fontes de sentido buscam referências para orientar e estruturar a existência.

²⁴⁶ Cf. RAHNER, K. *Curso Fundamental da Fé*, p.46.

²⁴⁷ Cf. LIBANIO, J.B. *Em busca de lucidez, o fiel da balança*. São Paulo: Edições Loyola, 2008. p.334.

²⁴⁸ Cf. MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p.189.

A salvação oferecida por Jesus Cristo é a realidade central do cristianismo, mas é difícil apontar essa salvação como uma realidade acontecendo nos nossos dias.

O fato de que Deus interveio na história humana por seu Filho Jesus Cristo revelou sua concepção de ser humano. A incidência da atuação de Deus acarreta um leque de realizações históricas diferenciadas que significam sempre maior integridade do ser humano, expressões salvíficas intimamente ligadas com situações existenciais concretas. Para conceber a salvação cristã temos que partir da salvação acontecendo na história de Jesus Cristo, em toda a sua vida. Assumir a sua vida caracterizada por uma existência para os outros, fundada em sua doação constante aos pobres, pecadores e marginalizados. Se Jesus foi um homem para os outros, isto se deveu a que Ele fosse primeiramente um homem para Deus. Sua obediência à missão divina até a morte de cruz significou igualmente a entrega de sua vida pela humanidade (Cf. Fl 2,6-11).

A adequada compreensão da salvação de Jesus Cristo é a de que a chance histórica de morrer sua morte desemboca na ressurreição dos mortos e numa nova vida. A entrega de Jesus Cristo não fornece a salvação automática, mas significa a possibilidade de construir a eternidade por meio da fé, da esperança e da humanidade. Em Paulo: “Para que não vos entristeçais como os outros que não têm esperança” (1 Ts 4,13).

Na história, a liberdade humana está sempre dinamizada pela oferta divina de salvação. É exatamente o gesto gratuito de Deus revelado e realizado em Jesus Cristo que liberta o homem para o amor e a plenitude escatológica:

Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim. Se me conhecestes, conhecereis também o meu Pai. Desde já o conheceis e o tendes visto (Jo 14,6-7).

A tipologia oriental e ocidental privilegiou um momento da existência de Jesus Cristo como causa da salvação de Deus para a humanidade. Tanto a soteriologia centrada na encarnação do Verbo, como aquela centrada na morte de cruz deixaram de considerar a vida concreta de Jesus.

A partir da salvação acontecendo na história de Jesus Cristo se pode conceber a salvação cristã e o que significa confessar que Jesus é o salvador: “a

Revelação do que seja salvação cristã abrange toda a vida de Jesus Cristo”²⁴⁹. A vida de Jesus foi uma vida caracterizada por uma existência para os outros, uma doação constante para os pobres, pecadores e marginalizados.

Para França Miranda:

A entrega de Jesus Cristo em nosso lugar não nos oferece a salvação automática, violentando nossa liberdade, mas significa a possibilidade de construirmos nossa eternidade ao fazer também nossa a sua entrega, por meio da fé, da esperança e da caridade²⁵⁰.

5.5.

Conclusão do capítulo

A escatologia é o tratado sobre a esperança cristã. O que se chama de escatologia bíblica, na verdade é o resultado de um processo histórico, confluência de pequenas experiências vividas na fé em Deus. A dinâmica da promessa perpassa o Antigo e o Novo Testamento, ocorrendo neste último o encontro com Jesus de Nazaré. A ação salvífica de Deus delineia o horizonte escatológico do Novo Testamento, ápice de todo processo de salvação.

A escatologia é o anúncio da fé no que se refere ao futuro definitivo do homem, de sua história e do mundo. A esperança permanece radicada na vitória do Cristo, e, portanto, uma vitória que já pode ser experimentada na perspectiva da produção de sentido para a vida humana, recuperando a fonte mais genuína em Cristo capaz de englobar toda a vida humana.

Cada indivíduo humano é criado segundo a imagem de Deus, e faz seu caminho através da história humana, no sentido de uma perfeita comunhão ainda a ser plenamente realizada. Nesse sentido os seres humanos compartilham a solidariedade de uma unidade que tanto já existe, quanto ainda está para ser alcançada. Divididos pelo pecado, aguardam a vitoriosa vinda de Cristo.

Com efeito, sabemos que toda a criação, até o presente, está gemendo como que em dores de parto, e não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos em nosso íntimo, esperando a condição filial, a redenção de nosso corpo. Pois é na esperança que fomos salvos. Ora, aquilo que se tem diante dos olhos não é objeto de esperança: como pode alguém esperar o que está

²⁴⁹ MIRANDA, M.F. *A salvação de Jesus Cristo*, p.75.

²⁵⁰ Ibid., p.79.

vendo? Mas se esperamos o que não vemos, é porque o aguardamos com perseverança” (Rm 8,22-25).

A unidade da família humana ainda está para ser realizada. A missão dos homens é realizar progressivamente a unidade querida por Deus em Cristo.

A temática da morte representa um momento de esperança na medida em que o homem toma posicionamento diante de Deus, e de questionamento da própria vida com seus anseios em relação ao futuro. A escatologia cristã busca de algum modo colocar a resposta da fé no meio do fluxo das forças que se movimentam no mundo. Cada homem traz em si um desejo de transcendência e plenitude.

Somente em Cristo se realiza a esperança da salvação cristã. A reflexão cristã não está destinada unicamente às realidades da alma, indiferentes à vida do homem. A teologia tem a função de tornar o dado revelado compreensível para todos os homens. Guiada pelo Espírito, e reconhecendo o valor das realidades históricas, não compreende a realidade do homem desligada do mistério salvífico de Deus.